

PARCERIA CRÍTICA: *PRESENÇA DA LITERATURA BRASILEIRA*

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Universidade de São Paulo

Nesta entrevista,¹ José Aderaldo Castello – o “professor completo”, segundo Antonio Candido – lembra os “momentos decisivos” da formação dessa amizade e dessa parceria que muito contribuíram, em tempos amenos ou adversos, para a dignidade universitária e para o patamar de excelência que os estudos de nossa literatura consolidaram nas últimas décadas. Mais não pôde ser dito porque as palavras por vezes cederam lugar a pausas silenciosas, na emoção das recordações da longa caminhada compartilhada com o amigo. “Eu tive a grande sorte do convívio e da colaboração do Antonio Candido na minha carreira, é o que posso dizer [...]”, sintetizou Castello.

*

A Presença da literatura brasileira é um dos frutos mais conhecidos da amizade e da parceria intelectual que ligam por décadas o Sr. ao Professor Antonio Candido. Como nasceu o projeto da Presença?

Tivemos, Antonio Candido e eu, um convívio muito próximo um do outro desde os tempos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Ele na ca-

¹ Concedida em 7 de janeiro de 2009 a Leila V. B. Gouvêa, pós-doutoranda em Literatura Brasileira junto ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). [*Candido e Castello: momentos decisivos de uma parceria exemplar*] Uma das mais profícuas parcerias intelectuais na Universidade de São Paulo tem sido decerto aquela tramada, no último meio século, por dois de seus hoje professores eméritos da área de Letras, Antonio Candido de Mello e Souza e José Aderaldo Castello. Dentre os frutos brotados dessa amizade impulsionada pela convergência de ideias e de ideais incluem-se nada menos do que a célebre *Presença da literatura brasileira*, obra a quatro mãos que

deira de Teoria Literária e eu na cadeira de Literatura Brasileira. A *Presença* é uma consequência desse convívio. A editora Difusão Europeia do Livro, a Difel, publicava então a *Presença da literatura portuguesa* e resolveu fazer obra similar voltada para a nossa literatura. A ideia, creio que com inspiração em modelos franceses, partiu do Vitor Ramos, que era uma espécie de assessor do editor [Paul Jean] Monteil, na Difel. Mais do que uma antologia, pensava-se em uma história da literatura através dos textos, ou exemplificada pelos textos. Tanto que as primeiras edições traziam o subtítulo “História crítica e antologia”. Havia os três enfoques: o histórico, o crítico e a seleção dos textos que exemplificavam tanto a parte teórico-crítica quanto a parte teórico-histórica propriamente dita. Dentro desse plano original, proposto pela própria editora, o Antonio Candido foi convidado a fazer a *Presença da literatura brasileira*, e me convidou a realizar o trabalho em coautoria com ele. Trabalhamos juntos por dois ou três anos, de maneira intensa, com reuniões frequentes, em geral semanais, na Rua Maria Antônia, no prédio menor, onde ficavam nossos gabinetes. Esses encontros por vezes duravam mais de cinco horas. Começamos pelo planejamento geral, com a definição dos critérios que deveríamos adotar fundamentalmente em termos de seleção geral de autores, de obras e de textos.

Os Srs. mesmos os selecionaram, não?

Todos os autores e textos foram selecionados por nós. No caso dos autores vivos, pedíamos a autorização para publicação. Distribuímos os autores por partes: as introduções gerais, as apresentações dos autores e das respectivas obras. Uma distribuição mais ou menos equitativa materialmente. Partimos do seguinte princípio: primeiro a seleção dos autores, a partir do critério de escolha daqueles que fossem mais significativos, no sentido mais amplo e complexo possível, e ao mesmo tempo mais consagrados. Respeitamos muito a questão da consagração da tradição, mas, evidentemente, confirmávamos pela nossa crítica e interpretação dos textos a importância real do autor, seu valor histórico e, acima de tudo, seu valor literário, que representasse uma permanência através do tempo. Assim, houve primeiro a escolha dos autores. A partir daí selecionamos as obras. O plano geral consistia no seguinte: a elaboração de introduções, ou de apresentações, que dessem um panorama geral da época e do momento em que viveu cada autor, para o situarmos; em segundo lugar, uma apresentação do autor, do conjunto de sua obra, que fosse objetiva e o mais sintética possível. Nosso intuito era dar uma ideia da importância do autor, dentro daquele contexto histórico e com uma pro-

formou gerações de estudantes e professores; a estreita colaboração em prol do desenvolvimento do IEB, fundado em 1962 por Sérgio Buarque de Holanda, e metamorfoseado ao longo dos anos em polo de pesquisa dos mais conceituados no Brasil e no mundo; agora a sábia divisão de trabalho estabelecida por ambos quando, um na cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada (Antonio Candido), outro na de Literatura Brasileira (Castello), definiram as linhas de pesquisa da emergente pós-graduação, sob enfoque interdisciplinar.

jeção através do tempo. Vinha depois a apresentação da obra, dando uma ideia do seu valor, seu significado e sua importância, equacionada com a apresentação geral do autor e com a apresentação da época, sempre procurando um entrosamento dessas partes. E havia então a seleção dos textos e uma interpretação objetiva e sintética, uma espécie de conceituação do valor, da importância literária da obra.

No caso dos prosadores, em geral escolheu-se uma única obra.

Sim. Em geral optamos por transcrever excertos de um único romance selecionado em meio a uma determinada obra, pois não seria possível uma generalização. Já no caso da poesia, procuramos dar uma visão mais global do conjunto da obra poética de cada autor. Convém enfatizar que não trabalhamos de maneira estanque, cada um com sua seleção. Não, eu devia ler a seleção do Antonio Candido e o Antonio Candido devia ler a minha seleção, assim como os textos de apresentação. De forma que, lendo os textos e escolhas dele, eu tinha toda liberdade de acrescentar, de modificar ou de alterar ou propor, e vice-versa. Só que eu corrigia muito menos do que ele... *[risos]*. Conversávamos, trocávamos ideias, não havia suscetibilidades. O resultado é que saiu daí uma obra com unidade perfeitamente equilibrada, segundo disseram. Por exemplo, observou-se que não seria possível identificar qual de nós tinha escrito (ou selecionado) sobre determinado autor, constatando-se na *Presença* uma uniformidade perfeita, uma obra que não se destoa do ponto de vista do estilo, da linguagem, em que há uma harmonia completa. Talvez porque foi um trabalho feito com muito amor simultâneo e com muito respeito intelectual, tivemos a consciência livre e aberta para receber todas as sugestões, de um lado e do outro.

Esse entendimento naturalmente contemplou desde o acordo até as origens de nossa literatura...

Adotamos um critério de grande respeito às posições mútuas em termos de problemas de origem, do começo, do fim etc. Por exemplo, partimos do princípio mais geral de reconhecer o que chamaríamos de raízes dos fundamentos – do período colonial, evidentemente. E aí estava o princípio da seleção, que seria a partir do período colonial. Seleção, enfim, daquilo que era por vezes uma criação literária externa, de Portugal, da metrópole, mas voltada para o Brasil. O fundamental é que já houvesse um enfoque brasileiro de um problema que era visto pelo colonizador. Havia então um processo de identificação ou um processo de geração de identidades, o que era fundamental para haver ponto de vista histórico através do tempo. Concluímos, nós dois, que não importava se um autor era considerado português ou não. Mas, se ele escreveu sobre o Brasil, era preciso ver até que ponto isto que escreveu se projetou através do tempo e contribuiu com um subsídio fundamental para um enriquecimento literário nosso através do tempo. Esse foi mais ou menos nosso critério e nossa visão do período colonial. Não pensávamos, evidentemente,

que existisse uma literatura brasileira no período colonial, mas que existiam então as raízes e os fundamentos dessa literatura brasileira, os quais iriam se consolidar em fins do século XVIII e meados do século XIX, com o Romantismo. Dentro desse critério, íamos selecionando os textos que fossem representativos, não apenas do autor selecionado, mas em termos da contribuição do autor para esse processo, ou nesse processo. Foi alguma coisa muito pensada e muito refletida, daí a unidade que, independentemente de outro julgamento, existe na obra.

Unidade também do ponto de vista teórico, não é mesmo?

Sim, em nenhum momento nos preocupamos em impor a visão teórica de *a*, de *b* ou de *c*, de ninguém. Trabalhamos com uma visão isenta de qualquer compromisso ideológico, de qualquer compromisso com teorias literárias, embora naturalmente houvesse um reflexo delas, pois afinal era um trabalho de reflexão a partir da formação de cada um dos coautores, mas não havia ostensivamente um compromisso nesse sentido. Procurávamos a imparcialidade do julgamento tanto quanto possível. Nos próprios autores selecionados, nós procurávamos atuar dentro de uma isenção total de preferências pessoais. Eu me lembro que só uma vez nós nos deparamos com um problema na seleção de autores. Estava até presente o Paulo Emílio Salles Gomes que, excepcionalmente, assistiu a uma de nossas reuniões, exatamente aquela. E, quando chegamos a esse ponto, o Paulo Emílio dava risadas. Não foi propriamente uma divergência, mas uma questão de preferências um pouco afetivas – da parte do Antonio Candido em relação a um autor mineiro, e da minha parte em relação a um autor cearense. Não concordávamos sobre qual deles deveria ser incluído, qual deles excluído. Mas logo acabamos conciliando e deixando os dois.

E quais eram esses autores?

Um era o Domingos Olímpio, autor de *Luzia-Homem*, que é um belo romance da seca no Ceará, com reflexo também em política do cangaço etc. E o outro, se não me engano, era o Alvarenga Peixoto. Bem, só pelo fato de ele ser do Arcadismo e de Minas Gerais... *[risos]*

A Presença teve grande importância na formação de mais de uma geração de estudantes e de professores de literatura, por todo o país. Poderia falar sobre isso?

Tenho impressão de que a obra, que alcançou mais de trinta edições, teve sucesso... E em certo sentido ainda sobrevive. O que eu sei, é que nós, os autores, e penso que em nome dos dois posso dizer isso, nunca adotamos o livro, nunca o indicamos como referência bibliográfica.

Conforme a postura de elegância e ética que sempre marcou os dois mestres...

O que eu sei é que o livro foi muito adotado nas faculdades de filosofia do Brasil inteiro. Até a 15ª ou 16ª edição apareceu em três volumes, passando depois, por sugestão da editora que absorveu a Difel, que foi a Bertrand do Brasil, a dois volumes, com mais cerca de quinze edições. Um livro sempre reeditado, sucessivamente.

Foi uma contribuição do pensamento uspiano na área de Letras, à comunidade de estudiosos da literatura brasileira no país todo, não? O trabalho chegou a ser revisto, em alguma oportunidade?

Não propriamente, salvo quando foi reunido em dois volumes. Mas tínhamos a intenção de atualizá-lo, avançando um pouco no tempo. Porque fomos até fins do Modernismo, quando cessava a euforia modernista, passando a haver uma diluição de tendências diversas. Aí então paramos. Não quisemos avançar mais no tempo pelo risco de se perder a perspectiva, a visão crítica retroativa.

Há plano ainda dessa atualização?

No momento, não. Seja qual for o seu valor, toda obra tem a sua história e os seus limites de sucesso, ou não, e sua permanência no tempo é muito relativa. Sabe-se que marcou e teve uma importância na época, pelo sucesso editorial, o que é muito difícil de encontrar no gênero, não é?

Incluindo uma das primeiras antologias que abarcaram o Modernismo...

Até então, tínhamos boas antologias, mas eram antologias muito secas, sem enquadramento da época, das tendências do momento, por vezes sem notícia biobibliográfica do autor. Em sua maioria, não tinham o caráter de uma história literária através dos textos. O que é preciso pensar é que fizemos uma história literária através dos textos – não apenas interpretação nossa, mas textos que confirmavam nossas interpretações. E com bibliografia selecionada e atualizada de cada autor, além da recomendada sobre cada um deles, até aquele momento. Sempre com a preocupação de oferecer ao leitor condições de situar melhor a obra, de a ela poder retornar e ressituar o texto, dando-lhe a interpretação que lhe conviesse. Porque nos preocupamos em deixar a abertura para uma interpretação livre e independente dos leitores.

Poderia lembrar um pouco de sua convivência com Antonio Candido enquanto seu colega de docência na USP?

Antes disso, lecionamos os dois na Universidade Mackenzie. Antonio Candido, o que poucos sabem, foi o primeiro professor de Literatura Brasileira da Universidade Mackenzie, logo que esta foi fundada. Mas ele ficou pouco tempo

lá, só um semestre. O segundo fui eu, convidado a substituí-lo. Logo depois ele vai para Assis lecionar, retornando à USP já como convidado para ser professor de uma disciplina nova, recém-criada, Teoria Literária e Literatura Comparada, cadeira paralela à de Literatura Brasileira. Ele já estava então numa fase de separação da sociologia. Eu falo separação porque um colega nosso dizia, espirituosamente, que o Antonio Candido tinha se casado com a sociologia, mas que vivia de namoro com a literatura. Um dos inspiradores da criação dessa cadeira, entre outros, foi o Professor Mário Pereira de Souza Lima, o primeiro catedrático de Literatura Brasileira da USP. Quanto a mim, livre-docente e assistente de Souza Lima, fiquei como professor interino de Literatura Brasileira, aguardando concurso. Por fim assumi a cátedra. E foi nessa fase que começou o relacionamento mais estreito entre mim e Antonio Candido. Ele assumiu a nova disciplina, mas continuou com seu amor quase exclusivo, único e fidelíssimo à literatura brasileira.

Daí o enfoque interdisciplinar na docência de ambos?

Passou a haver um relacionamento muito íntimo entre as duas cadeiras. Com Antonio Candido, eu costumava brincar que a dele iria mudar de nome, passando a se chamar “literatura comparada brasileira”. Ou melhor, “teoria da literatura e da literatura comparada do Brasil com o estrangeiro”, mais ou menos isso. Houve sempre um entrosamento perfeito, entre nós e nossas cadeiras. Discutíamos os programas de um lado e de outro, para que não houvesse choques nem repetição. Se um autor era importante para uma cadeira, era importante para a outra. E havia um relacionamento harmonioso, perfeito. As duas cadeiras funcionaram assim passo a passo, paralelamente, sem conflito, sem atrito, sem competição, numa perfeita colaboração recíproca. Daí, sim, esse enfoque interdisciplinar, graças a esse clima de entrosamento. Não se pensava necessariamente nessa ideia de interdisciplinaridade; ela passava a existir automaticamente, à medida que havia uma harmonia de posições, de interpretações, ao mesmo tempo com independência, evitando choques, conflitos e polêmicas. Se Teoria Literária tomasse um autor, como Machado de Assis, para um determinado exemplo formal, na outra cadeira evitava-se que houvesse interpretação do mesmo autor sob enfoques diferentes, ou vice-versa. Caso contrário, poderia desorientar o aluno. Havia também um problema de escrúpulo. Durante o tempo em que Antonio Candido esteve na ativa – eu me aposentei um pouco depois dele –, houve sempre um entrosamento perfeito e harmonioso entre o grupo dele e o grupo de brasileira. Como tinha ocorrido em nosso trabalho relacionado à *Presença*, nunca houve divergências de interpretação, ou de outra ordem, quanto ao valor de determinado autor. Foi um trabalho muito bonito, muito intenso, de colaboração e entendimento entre as duas cadeiras. Não só se discutiam programas, mas também linhas de pesquisa. Na época em que começou a pós-graduação, mestrado e doutoramento, o Antonio Candido optou por uma linha de pesquisa relacionada às histórias literárias, e eu por uma linha de pesquisa relacionada às revistas literárias brasileiras. Nas-

ceram assim uma programação e a elaboração de várias dissertações e teses nas duas áreas. Também para que não houvesse um choque de temas, de escolhas, ou enfoques repetitivos. Este foi um dos aspectos da colaboração recíproca entre as duas cadeiras. Ele, a partir do domínio da teoria geral literária, e no meu caso de uma ação mais prática, mais efetiva da criação literária etc. Na pós-graduação, distinguimos essas áreas para evitar que se ficasse reincidindo ou repetindo.

Essa parceria coincidiu mais ou menos com a fundação do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), em 1962. E ambos os Srs. também tiveram um papel da maior importância nesse instituto...

Sim, é preciso destacar o papel muito importante do Antonio Candido no IEB. Ele sempre teve uma participação e um grande interesse pelo IEB, sempre acompanhou de perto todos os trabalhos e colaborou de maneira preciosa com o IEB. Sempre acreditou no instituto e espero que ainda acredite. Quando o IEB foi criado, o Professor Souza Lima já estava prestes a se aposentar. E como eu tinha sido nomeado professor interino e, um ano depois, houve o concurso de cátedra, eu passei a assumir a posição de representação da literatura brasileira no IEB. Isso desde a primeira administração, do Sérgio Buarque de Holanda, que durou dois anos, e a seguir a de Egon Schaden, também de dois anos, na qual passei a colaborar e a participar do processo de implantação efetiva do IEB. Assumi então a direção do instituto, em sucessão a Schaden, ali permanecendo por quatorze anos. Dados o valor e a importância do Sérgio, foi muito importante a sua fundação do IEB. Mas ele era desligado do ponto de vista da administração, que começou a ser impulsionada pelo Egon Schaden. A partir daí, o IEB começou a crescer dentro da universidade e a ganhar um significado muito grande, não só nacional, mas também em representação mundial, internacional. O Antonio Candido esteve muito ligado ao IEB por duas razões. Primeiro, por causa desse relacionamento com a própria literatura brasileira, sendo o instituto, desde os primeiros tempos, um dos grandes focos de pesquisa e de estudos de nossa literatura. E possuidor de um acervo extraordinário, riquíssimo, inigualável – à exceção evidentemente da Biblioteca Nacional –, e que deu uma abertura muito grande para os estudos literários na Universidade de São Paulo. Antonio Candido também esteve ligado ao IEB em decorrência do destino do acervo do Mário de Andrade. O Dr. Carlos de Moraes Andrade, irmão de Mário, tinha procurado Antonio Candido para dar um destino ao acervo do escritor, formado pela extraordinária coleção de artes plásticas, com mais de 400 peças, além de cultura popular, biblioteca, arquivo pessoal etc. E Antonio Candido propôs o IEB, e teve um papel fundamental nessa negociação. Graças a essa decisão, o IEB possui talvez o acervo mais rico do Brasil em termos de arte modernista brasileira. Existia uma coleção importante no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, mas que foi destruída por um incêndio. Lembre-se que, como compensação, a família de Mário recebeu uma importância hoje irrisória, equivalente quase ao valor de um

único quadro. Entramos em entendimento com a família e foi constituída uma comissão. Ela era formada por um grande alfarrabista de São Paulo na época, o Américo de Souza Pinto, por Walter Zanini, então no Museu de Arte, e eu mesmo, como diretor do IEB. Lembro-me de que um dia o chefe de gabinete do Arrobias Martins, então secretário de Planejamento do governo do Estado, veio propor que eu renunciasse à incorporação do acervo de Mário no IEB, pois havia plano de criação de uma Casa Mário de Andrade pelo governo paulista. Evidentemente eu me recusei, observando que quem poderia decidir sobre o destino do acervo era o Dr. Carlos de Moraes Andrade, e não eu. Afinal, já tínhamos entrado em entendimento. Ponderei ainda que a Universidade de São Paulo era uma instituição permanente através do tempo. E que, portanto, seria mais justo que o acervo viesse para cá, em lugar de ficar ao sabor de políticas e de direções que constantemente mudam. Disse então que não abria mão dos entendimentos com o Dr. Carlos – que, ao que sei, nem sequer recebeu o emissário do governo paulista.

A incorporação do acervo de Mário, intermediada por Antonio Candido, foi um grande impulso ao IEB...

Sem dúvida. Ele veio se somar a um já rico patrimônio: a biblioteca de Yan de Almeida Prado e, entre outras, as coleções Lamego e de Jorge Tibiriçá. Por fim, ainda quanto a Antonio Candido, eu tive a grande sorte do nosso convívio e de sua colaboração na minha carreira. É o que posso dizer.